

Paz, afinal?

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 14.02.05

Depois de uma longa queda, nas últimas duas semanas o dólar vem subindo em relação ao euro. Talvez essa seja uma tendência passageira e o dólar volte a cair, punindo a política fiscal irresponsável dos Estados Unidos nos últimos quatro anos. Embora a relação dólar-euro esteja hoje provavelmente próxima de sua posição de equilíbrio, a maioria dos economistas esperava um overshooting, ou seja, que a queda do dólar fosse além do ponto de equilíbrio, para depois se reequilibrar. Isso ainda poderá acontecer. Em qualquer das duas hipóteses, porém, o que parece claro é que a recente revalorização do dólar reflete uma clara distensão da política internacional, depois da posse do presidente George W. Bush em seu segundo mandato.

O discurso de posse, embora procurando justificar o imenso equívoco que representou a invasão do Iraque, foi afinal um discurso pacífico, ao invés de belicoso. Os Estados Unidos buscam transformar a democracia em um instrumento de dominação, sem perceber que a democracia é um bem desejado pelos povos, como demonstrou o povo do Iraque nas eleições ali realizadas. Mas a política de impor a democracia com a força das armas teve conseqüências desastrosas para os próprios Estados Unidos - e o reconhecimento desse fato parece transparecer nas ações do governo americano nestas últimas semanas.

A visita à Europa da nova secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, e seu discurso e declarações na França são bem uma indicação da mudança de política. Ela, que se alinhava entre os falcões no primeiro governo de George W. Bush, parece agora a chefe das pombas. Afirmou que o objetivo da política internacional americana continua sendo o de tornar a democracia vitoriosa no resto do mundo e pediu a colaboração da Europa nesse nobre intento. Mas deixou transparecer que o recurso à guerra vai ser colocado de lado, pelo menos por enquanto. Para difundir a democracia, o governo republicano preferiria estratégias como a propaganda e o apoio a grupos democráticos de oposição.

Por outro lado, no Oriente Médio, a grande notícia é a retomada das negociações de paz entre Israel e Palestina. E tudo indica que também nesse ponto a política americana gira em direção a uma linha mais razoável. Desde o fim da Guerra Fria, não faz sentido para os próprios Estados Unidos o apoio incondicional de seu governo a Israel. O que interessa é a paz na região; é a constituição de dois Estados que se respeitem mutuamente. Clinton compreendeu bem esse fato e fez o melhor dos seus esforços nesse sentido. Bush, no começo do seu governo, parecia dar continuidade a essa política, mas, obcecado por sua guerra ao Iraque, esqueceu-a. Agora, parece que retoma o caminho da racionalidade.

Nós sabemos que a política americana de espalhar a democracia é retórica. E que há um claro elemento imperialista nela. O que interessa aos Estados Unidos é manter um quadro internacional que lhes seja favorável. Se em um determinado país o regime autoritário for o mais favorável, não terá dúvida em apoiá-lo, como continua a fazê-lo em um grande número de ditaduras em todo o mundo. De qualquer forma, porém, apoiar a democracia por meios pacíficos é muito melhor do que procurar impô-la pela guerra.

Já escrevi nesta coluna que os EUA são um falso império, porque no século 21 não existe espaço para a imposição da vontade de um país pela força. Os Estados Unidos são, sem dúvida, o poder hegemônico, dotado do maior poder de pressão e de persuasão, mas, em um mundo em que a guerra não é aceitável a não ser em condições muito especiais, estão longe de possuir um poder incontestável. Devem obedecer às regras do sistema global que se constituiu no mundo durante o século 20 e que se tornou dominante com o colapso da União Soviética.

O sistema global não é apenas econômico e tecnológico, não consiste apenas na globalização, mas é também um sistema jurídico e político em que os países têm pesos diferentes, mas devem agir de forma multilateral. O presidente Clinton sabia disso muito bem, jogava de acordo com as regras do jogo com rara competência. Por isso foi capaz de defender tão bem os interesses de seu país, em certos casos, com grave prejuízo para nós, como foi o caso da estratégia que pregou para os países em desenvolvimento de que deveríamos crescer recorrendo à poupança externa. Mas em qualquer hipótese ela cooperava assim para a segurança de todo o mundo.

No lado inverso, o presidente Bush revelou-se, nos primeiros quatro anos, um governante incompetente, incapaz de defender os reais interesses do seu país e a segurança do mundo. Com a invasão do Iraque, destruiu a aliança atlântica e perdeu a confiança de grande parte dos cidadãos no exterior. Com sua política fiscal e tributária populista, deu origem a um déficit público enorme que está pondo em risco a economia mundial.

Será que as últimas ações, inclusive sua promessa de reduzir o déficit público substancialmente nos próximos anos, indicam uma nova direção? Será que, afinal, não ousará invadir o Irã?

Como os mercados mundiais, estou otimista em relação a isso. Os Estados Unidos são um grande país, que normalmente sabe agir de acordo com seus interesses. Tanto a política internacional americana desses últimos quatro anos como a econômica não atenderam aos seus interesses. Se Bush foi reeleito, é porque o candidato democrático não tinha uma alternativa clara de saída do Iraque a oferecer a um povo que reagiu à agressão do 11 de Setembro de forma emocional e desproporcionada. Agora, porém,

os americanos precisam encontrar um meio de sair dessa enrascada em que se meteram e, para isso, deverão voltar a buscar a paz e o entendimento entre as nações. E os demais países poderão voltar a cuidar de seus próprios interesses econômicos e a competir entre si nesse campo, ao mesmo tempo em que colaboram em outros, como é próprio do sistema global, ao invés de se preocuparem com a guerra.